

Bruno Gonçalves Alvaro*

***¡YA CAMPEADOR EN BUEN ORA ÇINXIESTES LA ESPADA!:* UM ESTUDO ACERCA
DAS MASCULINIDADES EM CASTELA NO SÉCULO XIII ATRAVÉS DO *POEMA DE
MIO CID***

Resumo: Neste artigo analisaremos a construção das masculinidades de alguns personagens por nós selecionados no *Poema de Mio Cid* à luz dos estudos de gênero. Cabe salientar que este estudo busca especificidades dentro da referida região e nossas conclusões aqui apresentadas baseiam-se na comparação de personagens literários criados por um autor que viveu no âmbito do reino de Castela no século XIII. Além disso, defendemos a premissa de que a construção tipológica de seus personagens estava em consonância com sua vivência cotidiana e com o que ele defendia ser certo ou errado naquele momento. O clérigo-poeta, em seu discurso, resgata um personagem histórico de Castela e isso se deu por via literária: o autor reconstrói o *Cid* que viveu no século XI, utilizando-se de adjetivações e substantivações que, como veremos em nossa análise, oferecia a sociedade do momento um padrão ideal de masculinidade a ser seguida.

Palavras-chave: Idade Média Central – Poema de Mio Cid - Masculinidades

Abstract: In this paper we analyze the construct of masculinity of some characters selected by us in *Poema of Mio Cid* through gender's studies. It should be emphasized that this study seeks specifics within these regions our conclusions presented here are based on comparisons of literary characters created by an author who lived in the framework of the kingdom of Castile in the thirteenth century. Furthermore, we support the premise that the typology's build of his characters was resemblance with their everyday and what he believed it was right or wrong at that time. The cleric and poet, in his speech, rescues a historical character of Castile and this took place through Literary: the author restore Cid who lived in the eleventh century, using the adjectives and substantives that offered the society the moment a pattern of ideal masculinity being followed, as we shall see in our analysis.

Keywords: Central Middle Age; Poema of Mio Cid; masculinity

* Professor Assistente I de História Medieval da Universidade Federal de Sergipe. Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pesquisador do *Vivarium* (Laboratório de Pesquisa em História Antiga e Medieval) da Universidade Federal do Mato Grosso e Colaborador no Programa de Estudos Medievais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: brunoalvaro@ufs.br

Considerações iniciais

O estudo que se segue é resultado direto de parte da nossa pesquisa de mestrado apresentada, em dezembro de 2008, junto ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e intitulada “A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do *Poema de Mio Cid* e da *Vida de Santo Domingo de Silos*”. Nosso objetivo geral de trabalho foi analisar por meio do método comparativo em História a construção das masculinidades nesses dois documentos produzidos em Castela no século XIII. Para tal, nos munimos dos pressupostos apresentados por Andrew Tolson (1983) ao afirmar que a masculinidade “não é simplesmente o oposto da feminilidade, mas que existem, pelo contrário, numerosos tipos de identidade de gênero (...) e diferentes expressões da masculinidade no interior de uma cultura e segundo as diferentes culturas” (TOLSON, 1983, p. 13). Este pesquisador define a masculinidade como “uma identidade de gênero culturalmente determinada e socialmente funcional” (TOLSON, 1983, p. 14). Essa idéia de masculinidade possibilitou-nos manejar com mais segurança um conceito tão complexo. No mais, permitiu-nos afirmar que as masculinidades por nós analisadas estavam inseridas diretamente no contexto de produção dos documentos que analisamos.

Em resumo, as masculinidades são culturalmente específicas, pois, como veremos, estão inseridas no cotidiano militar/religioso do reino castelhano e, por sua vez, funcionais, pois são elementos constitutivos das relações de poder que clérigos e leigos estabeleciam entre si e com outros, como no caso da Península Ibérica, com muçulmanos e judeus.

No artigo aqui apresentado, essas relações de poder, quando vistas à luz dos Estudos de Gênero, nos possibilitam compreender a diversidade de características que compõem os graus de masculinidades representados através dos protagonistas por nós analisados no *Poema de Mio Cid*,¹ e a tentativa do autor em construir identidades leigas e clericais masculinas calcadas em elementos que denominaremos de adjetivações e substantivações.

Tais elementos são utilizados justamente para diferenciar os diversos graus de masculinidades por ele construídas no poema e por nós identificadas. Essa pluralidade de

¹ Utilizaremos a sigla *PMC* quando nos referirmos à obra em questão. Ressaltamos também que utilizaremos como norma para citar os trechos do documento a fórmula estrofe: versos. Por exemplo: (*PMC*, 3:20).

masculinidades é funcional à medida que lança ou não o indivíduo na marginalidade daquela sociedade.

Quando concluímos nossa pesquisa de mestrado observamos que os autores das obras analisadas partilhavam de uma masculinidade genérica, ligada à sua cultura, mas, ao comporem seus textos, caracterizando e adjetivando os personagens, tornaram-se testemunhas sobre a funcionalidade social e a multiplicidade do enunciado masculinidade.

Encerrando essa introdução, salientamos que o leitor poderá observar no decorrer do artigo que os homens² que no discurso textual não possuem as características masculinas construídas pelo autor do *PMC* para o protagonista *El Cid* (honra, coragem, sobriedade, etc), entram no clivo da diferenciação. Ou seja, acabam, por assim dizer, representando uma masculinidade que não deve ser seguida e, que, por isso, é marginalizada por ele, sendo alocada em graus distantes da masculinidade referencial, no caso, a do seu principal personagem. Os homens que se enquadram em tal situação são retratados tentando de toda maneira retomar a masculinidade perdida ou manchada por suas ações. Como veremos, alguns deles alcançam tal objetivo, entretanto, outros não.

Desta forma, defendemos que o autor do *PMC* apresenta em sua obra uma masculinidade, tanto para leigos como para clérigos, caracterizada por adjetivações e substantivações positivas e que pode ser considerada como aquela almejada pelo autor do poema para os homens castelhanos.³

O Poema de Mio Cid e os personagens selecionados para análise

Escrito, muito provavelmente em 1207 por Per Abbat,⁴ o *PMC*, por ser um texto com características épicas (ALVAR; 1991) possui uma variedade tamanha de personagens – fictícios ou não –, alusões a lugares histórico-geográficos da Península Ibérica que vão desde Burgos à

² Clérigos ou leigos.

³ Isso ficou ainda mais evidente quando comparamos o *Poema de Mio Cid* com a *Vida de Santo Domingo de Silos*. Ver: (ALVARO, 2008).

⁴ *Grosso modo*, não existe, entre os especialistas, unanimidade acerca da verdadeira data de composição do *Poema de Mio Cid*, tampouco seu real autor. O único manuscrito preservado é datado em 1207 e assinado por Per Abbat. Seguindo a linha investigativa de Timoteo Riaño Rodríguez e María del Carmem Gutiérrez Aja (2006) defendemos que o autor do poema e sua datação são as que constam no referido manuscrito que encontra-se atualmente na Biblioteca Nacional de España, em Madrid. Sobre as discussões a respeito da autoria e datação do *Poema de Mio Cid*, ver: (DEYERMOND, 1985); (MONTANER FRUTOS, 1983); (UBIETO ARTETA, 1982); (RATCLIFFE, 1990); (SMITH, 1983).

Sigüenza, narrativas de combates, etc. Situações textuais elaboradas de tal maneira que o erigiram para a posteridade, nas palavras de Reinhardt Dozy, como “le plus ancien monument de la poésie castillane” (DOZY, 1860, p. 1). Ou seja, um monumento literário que chegou a influenciar outras áreas de saber, além da História e a Literatura, como o Cinema, por exemplo.⁵

O manuscrito do *PMC*, em seu estado atual, é composto por 74 *folios* num total de 3.733 versos e se encontra atualmente na Biblioteca Nacional de Madri, na Espanha. Sabemos que falta uma folha no início do manuscrito e mais duas no interior, desta maneira podemos supor que o poema em seu estado original tinha, aproximadamente, 4.000 versos ou um pouco menos. O texto está dividido em três núcleos narrativos que comumente são denominados pelos estudiosos em: *Cantar del destierro* (Cantar I), *Cantar de las bodas* (Cantar II) e *Cantar de la afrenta de Corpes* (Cantar III).

O primeiro cantar começa com o *Cid* partindo para o exílio, juntamente com o seu séquito, por ordem de Afonso VI. O cavaleiro deixa sua mulher e filhas sob os cuidados do abade de Cardeña, dando início, assim, às suas empreitadas militares. O segundo retrata suas campanhas na região do Levante e a conquista de Valência e se encerra com as bodas de suas filhas com os *infantes de Carrión*, pelas mãos do rei Afonso VI. O terceiro cantar trata da restituição moral e financeira do *Cid*, já que suas filhas foram ultrajadas pelos *infantes* em Corpes, por motivo de vingança. O poema se encerra com o cavaleiro atingindo todos os seus objetivos. Os três cantares demonstram a gradual ascensão heróica do personagem.

Neste artigo trabalhamos com a edição crítica elaborada por Colin Smith (2001), que em seu estudo utilizou a edição fotográfica do manuscrito original publicada em Madri em 1967 e a edição paleográfica de Menéndez Pidal, editada pela primeira vez em 1911.⁶

“O historiador é necessariamente um selecionador” (CARR, 1996, p. 48). De tal forma que para um estudo deste porte seria impossível atender a todos os âmbitos temáticos do documento ou suas possibilidades de abordagem e, inclusive, trabalhar em tempo hábil todos os personagens presentes na obra. Dessa maneira, escolhemos os principais personagens que se

⁵ Sobre a dramaticidade artística no *Poema de Mio Cid* e sua utilização por outras linguagens além da literária, ver: (FLETCHER, 2002); (MARTÍNEZ RICO, 2006). Como não citar, por exemplo, a versão cinematográfica do poema, auxiliada pelo hispanista Ramón Menéndez Pidal, *El Cid*, do diretor Anthony Mann em 1961?

⁶ A edição Fac-similar pidalina para o *PMC* e a edição fotográfica do manuscrito assinado por Per Abbat encontram-se disponibilizadas no sítio da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes: <<http://www.cervantesvirtual.com>>. Último acesso em: 15/10/2009.

associam ou se afastam do protagonista do poema que, para nós, melhor representa o objetivo de Per Abbat na construção de uma masculinidade idealizada.

Passamos, assim, a enumerar e caracterizar os personagens por nós selecionados para análise da construção das masculinidades leigas e eclesiásticas no *PMC*.

O primeiro personagem que fazemos referência é *El Cid*. Por se tratar do protagonista da obra, ele é o centro das atenções do autor, sem, contudo, o poeta esquecer-se dos demais personagens da trama. Porém, é no cavaleiro burgalês que se constrói o enredo que conta, basicamente, sua história de ascensão heróica em terras cujas relações nem sempre amistosas entre cristãos, mouros e judeus é constante.

El Cid é retratado por Per Abbat com incontáveis adjetivações e substantivações já desde o início do poema, como, por exemplo, “buen vassalo” (*PMC*, 3:20); “buen Campeador” (*PMC*, 19:407); “el que en buen ora nasco” (*PMC*, 23:437) como aquele que “en buen ora çinxiestes espada” (*PMC*, 23:439), etc. Tais adjetivos/substantivos⁷ são constantes no texto de Per Abbat. É possível constatar, ainda, que estes termos são utilizados para demonstrar a ausência de defeitos no seu protagonista.

O segundo personagem que será destacado é o bispo *Don Jheronimo*.⁸ Per Abbat o apresenta como bispo de Valência pouco depois da tomada dessa cidade por *El Cid*. Analisaremos, ainda, a caracterização do abade do monastério de San Pedro de Cardeña, *Don Sacho*, que aparece algumas vezes no texto.⁹

Da mesnada de *El Cid*, optamos por não analisar todos seus membros, mas apenas *Álvar Fáñez* (ou *Albar Ffañez*, como algumas vezes aparece no poema),¹⁰ *Martín Antolínez*,¹¹ *Pero*

⁷ Dependendo do contexto no qual são inseridos tais termos são adjetivações ou substantivações.

⁸ Quanto às informações históricas sobre este personagem, Colin Smith alerta para o fato de que ele não aparece documentado em nenhum texto histórico ou literário de *Hispania*, com exceção do *Poema de Mio Cid*. No entanto, o especialista ressalta que o nome era comum entre clérigos franceses do período *cidiano*. O único Jheronimo, do qual há notícias é o cluniacense conhecido como Jerônimo de Périgord, que, assim como o religioso do poema, veio da França para os reinos ibéricos com outros muitos companheiros da Ordem para ajudar na reforma da igreja peninsular sob a direção de Bernardo, arcebispo de Toledo, desde sua reconquista em 1085.

⁹ No que diz respeito à sua historicidade, parece estar em concordância com a história *cidiana*, com exceção de seu nome, pois o abade que esteve à frente do Monastério de Cardeña entre 1056 até 1086, período em que *El Cid* viveu, se chamava Sisebuto. Alguns especialistas explicam esse “erro” do autor por questões de métrica. Contudo, parece que essa “liberdade poética” por parte de Per Abbat não afligiu os monges de Cardeña, pois o fictício *Don Sancho* acabou sendo inserido posteriormente na história do mosteiro. Sobre a utilização do poema pelos monges de Cardeña e a inserção do personagem Sancho na história do monastério no século XIII, ver: (PEÑA PÉREZ, 2003, p. 331-344).

¹⁰ Segundo Bernard Reilly, não é um personagem fictício, está constantemente presente em documentos medievais entre 1074 e 1114 (REILLY, 1988).

Bermúdez (ou *Pero Vermuez*)¹² e *Muño Gustioz*.¹³ Nossa justificativa para tal é a recorrência de suas aparições e, de maneira geral, os mesmos terem suas construções narrativas aproximadas àquelas dadas por Per Abbat ao *Cid*. Buscaremos na análise das masculinidades desses personagens possíveis similitudes e diferenças inerentes ao padrão estabelecido pelo poeta a seu personagem principal, dotado de virtudes diversas, e se elas, de alguma forma, transmitem um ideal de masculinidade do poema para a sociedade castelhana de seu tempo.

Outros personagens escolhidos para análise neste artigo são os *infantes de Carrión*, os irmãos *Diego* e *Fernando González* (*Ferran* ou *Feran Gonçalves*), genros de *El Cid*. Estes homens são retratados como o oposto de todos os outros membros da mesnada do cavaleiro, inclusive do clérigo mata-mouros *Don Jheronimo*, e são descritos pelo poeta como vilões na história por ele narrada. Provavelmente, este é o motivo dos mesmos serem os contrapontos das demais masculinidades apresentadas no texto.¹⁴

Em contrapartida, não ignoraremos de todos os demais personagens que também fazem parte do emaranhado construído pelo clérigo poeta castelhano, como, por exemplo, o monarca *Afonso VI*, os condes presentes nos duelos que restituem a honra do *Cid* após a *Afronta de Corpes* e dois membros do “bando” dos *infantes*: os cavaleiros *Gómez Peláyez* e *Asur González*.

Neste estudo, analisaremos, ainda, mas de forma sucinta, os personagens mouros do poema e de que forma suas participações interferem ou não na construção das masculinidades dos homens cristãos por nós selecionados.¹⁵ Também passaremos em revista a presença feminina no

¹¹ Personagem provavelmente fictício, não se encontra historicamente documentado, segundo os especialistas, em nenhuma fonte dita “oficial” do período *cidiano*.

¹² No poema é apresentado como sobrinho do *Cid*, no entanto, não há consenso entre os estudiosos acerca de sua historicidade.

¹³ É constantemente citado em documentos do período *cidiano*, o que induz os especialistas a afirmarem que realmente existiu e conviveu com o cavaleiro burgalês, fazendo parte de sua mesnada no século XI. Menéndez Pidal, ainda ressalta que o mesmo, junto a sua esposa, aparece em vários documentos servindo como testemunha na venda de algumas propriedades de Jimena (MENÉNDEZ PIDAL, 1947).

¹⁴ Segundo estudos realizados por Ramón Menéndez Pidal, há registros históricos de suas existências, inclusive tal especialista traça uma genealogia completa desses personagens e demonstra que eram filhos do conde Gonzalo Ansúrez, como assinala o poema nos versos 2268 e 2441. No entanto, Colin Smith alerta que o conde de Carrión nos tempos do *Cid* não era o pai dos infantes, como destacado no poema, mas sim seu irmão, Pedro Ansúrez. Sobre os motivos que levaram Per Abbat a escolher estes personagens históricos para representar a masculinidade ruim, ou seja, como contrapontos de *El Cid* e os membros de sua mesnada, não colhemos informações contextuais suficientes, para tal tema, ver: (LACARRA, 1980). Os estudos de Menéndez Pidal a respeito da existência histórica dos personagens *Diego* e *Fernando González* encontram-se em: (MENÉNDEZ PIDAL, 1946) e (MENÉNDEZ PIDAL, 1947).

¹⁵ Apesar do *Poema de Mio Cid* também conter a presença judia no enredo, optamos por não analisá-la, nossa justificativa se baseia no fato de que a participação de *Rachel* e *Vidas*, os únicos personagens judeus do poema, ser mínima e que, no nosso ponto de vista, não chega a interferir diretamente na construção das masculinidades encontradas no documento.

PMC, na figura da esposa do *Cid*, *Jimena* (ou *Ximena*) e de suas filhas *Elvira* e *Sol* e suas “funcionalidades” na trama.

Don Jheronimo, Don Sancho e El Cid: Clérigos e cavaleiros lado a lado na luta contra os mouros

O contexto social da Península Ibérica em meados do século XIII mesclava, ao que parece, a necessidade constante de equilíbrio entre a palavra e a espada. Nesse sentido, ao inferirmos que religiosos empunhavam o estandarte guerreiro de luta contra o “infiel”, no caso, os mouros, não é nenhuma novidade ou absurdo. Entretanto, há de se ressaltar que a igreja peninsular há muito vinha passando por transformações em seu seio. Desde o século XI, alguns aspectos da chamada “Reforma Gregoriana” vinham sendo inseridos em solos ibéricos e, dentre estes, no reino de Castela.¹⁶

Porém, o processo de aceitação das novas normas eclesiásticas romanas por parte da igreja castelhana não foi algo automático, tampouco simples. Alguns anos após a conclusão da redação do *PMC*, sabe-se que houve resistência em várias dioceses castelhanas frente a introdução das decisões tomadas no IV Concílio de Latrão, considerado o mais importante concílio ecumênico medieval. Como destaca García y García, os clérigos ibéricos, mesmo depois desta assembléia, não “muestran especial entusiasmo en tal sentido, pese a recibir algunas admonestaciones pontificias en tal sentido para aplicar las reformas lateranenses” (GARCÍA Y GARCÍA, 2005, P. 89). Esta resistência em acatar as diretrizes de Roma pode ser parcialmente explicada pela presença do poder régio nos assuntos religiosos.

Não temos dúvidas de que Per Abbat, como clérigo e poeta, estava inserido nesse contexto e, para nós, *Don Jheronimo* é a simplificação da complexa atuação eclesiástica por parte desses religiosos que não se “enquadram” nas diretrizes romanas expostas no texto conciliar.

O cânone 18 do IV Concílio de Latrão é explícito quando proíbe “todo clérigo dictar o ejecutar sentencias de muerte; les está prohibido llevar a cabo los castigos que **supongan derramamiento de sangre** y asistir a la ejecución de los mismos” (FOREVILLE, 1972, p. 173).¹⁷ Segundo Jean-Claude Schmitt,

o fato dos clérigos serem proibidos de derramar sangue está relacionado com a obrigação de castidade. (...) trata-se de preservar o clérigo da impureza corporal

¹⁶ Sobre este assunto ver: (SILVA, 1995).

¹⁷ O grifo é nosso.

e principalmente o padre que, pelo contrário, tem como função consagrar o sangue de Cristo. Os clérigos não podem ser cirurgiões, não devem caçar nem guerrear, e os tribunais eclesiásticos abstêm-se de condenações capitais (eles confiam as condenações à morte ao “braço secular”) (SCHMITT, 2002, p. 242).

Don Jheronimo representa uma forma de clérigo, ao que parece, a despeito da tentativa da Igreja medieval em conter tais atitudes, sedento por sangue e atuante no ofício das armas, diferentemente, por exemplo, de Bernardo de Claraval, que ao escrever aos Cavaleiros do Templo, foi bem claro em explicitar sua limitação de não poder pegar em armas, a par de seu desejo de violência contra os “inimigos” da cristandade: “como no me era permitido servirme de la lanza contra los insultos de los enemigos, deseaste que, a lo menos, emplease mi lengua y mi ingenio contra ellos” (BERNARDO DE CLARAVAL, 1955, p. 853).

O personagem *cidiano* é inserido por Per Abbat na trama a partir dos versos 1287 e 1288, como uma forma de “alento” aos cristãos partidários do *Cid* em Valência: “En estas nuevas todos se(a) alegrando/ de part de orient vino un coronado” (PMC 78:1287-1288). Como ressaltado, não há outras evidências documentais sobre *Don Jheronimo*, ou seja, não podemos afirmar se estamos ante a um personagem histórico ou unicamente de uma construção literária, entretanto, isso não anula nossa afirmação de que ele está inserido no cotidiano social do autor do *PMC*, ou seja, dentro do quadro específico de sua vivência ou imaginário (CHARTIER, 2002).

O *PMC* não deixa dúvidas quanto à categoria social de *Don Jheronimo*: ele é um “coronado” (PMC 78:1287), ou seja, um sacerdote, um clérigo. Ele é descrito como “bien entendido es de letras e mucho acordado” (PMC 78:1290), isto é, como um clérigo letrado e “muito sensato”. Tais adjetivos não fogem ao tipo de clérigo almejado pela Igreja há um certo tempo, conforme é possível verificar através do cânone 27 do IV Concílio de Latrão, que exorta os bispos “que formen con verdadero esmero a quienes deben ser promovidos al sacerdocio, que los instruyan personalmente o por medio de otras personas capacitadas, en la forma de celebrar los officios divinos y los sacramentos de la Iglesia, según está mandado” (FOREVILLE, 1972, p. 178).

A descrição do poema prossegue e Per Abbat afirma a respeito do personagem que “de pie e de cavallo mucho era areziado” (PMC 78:1291). Ou seja, o “bispo”¹⁸ não era apenas um clérigo letrado e “muito sensato”, ele era “areziado”, ou seja, forte tanto a pé como a cavalo. Per Abbat atribui, dessa maneira, uma adjetivação a este personagem que o desvia do modelo de

¹⁸*Don Jheronimo* carrega esse título no *PMC*.

clérigo tão pontuado pela historiografia por nós conhecida, pois ele é forte não só na fé ou no manejo da palavra, mas, como veremos a seguir, “forte” como um guerreiro.

O contato entre o protagonista *El Cid* e o clérigo é sempre marcado por duas práticas distintas, mas, que, no entanto, no poema aparecem em consonância: a pregação e o combate militar.

O clérigo *cidiano*, diferentemente, como observamos, do abade de Claraval, não se utiliza apenas da língua para travar batalhas contra os inimigos da cristandade, e não é só a lança e a palavra que *Don Jheronimo* maneja, mas todo o equipamento cavaleiresco. E, nesse ponto, Per Abbat o aproxima muito de *El Cid* e dos demais cavaleiros encontrados no poema. O autor narra da seguinte maneira a chegada do “bispo mata-mouros”:

en estas nuevas todos se(a) alegrando/ de partede orient vino un coronado: / el obispo don Jeronimo su nombre es lamado, / bien entendido es de letras e mucho acordado, / de pie e de cavallo mucho areziado./Las provezas de mio Çid andava las demandando,/ sospirando (el obispo) quês viesse con moros en el campo, / que si fartas lidiando e firiendo con sus manos/ a los dias del sieglo non le lorassen christianos (*PMC*, 78:1287-95).

Como podemos ver, o bispo não se difere muito da representação militar dos demais homens guerreiros presentes no poema. Mesmo se tratando de um clérigo, que, como relata o autor, tem o domínio das letras, ele ainda tem o trato no lidar com as armas e sua chegada, segundo o texto, provoca euforia entre o séquito do *Campeador*.

Esta condição militarizada do bispo não era, certamente, algo tão fora de contexto à realidade castelhana do século XIII, principalmente pelo fato dos preceitos “reformistas” não terem sido homogêneos na península.¹⁹

O bispo do *PMC* não quer apenas estar à frente da missa, mas participar dos combates contra os mouros, oportunidade que logo lhe é dada com a chegada das tropas do rei marroquino *Yuçef*. Após realizar seus ofícios litúrgicos encomendando *El Cid* e seus cavaleiros, “el obispo don Jheronimo soltura nos dara,/ dezir nos ha la missa, e penssad de cavalgar” (*PMC*, 93:1688-89), parte ele mesmo para o campo de batalha. Os cristãos vencem e *Don Jheronimo*, segundo o autor do poema: “quando es farto de lidiar con amas las sus manos/ non tiene en cuenta los moros que ha matados” (*PMC*, 95:1794-95).

¹⁹ Atualmente em nossa pesquisa de doutorado temos nos dedicado a analisar o episcopado de Sigüenza nos séculos XII e XIII. Por meio da sua documentação diplomática é possível observar a atuação militar de seus bispos a frente de verdadeiros exércitos em defesa da diocese e seus territórios sem nenhum conflito ou mal estar junto as proibições conciliares como, por exemplo, a dos clérigos não poderem portarem armas ou derramarem sangue.

Per Abbat ainda descreve mais uma vez o *ethos* guerreiro do bispo mata-mouros na ocasião em que novamente as forças marroquinas, agora lideradas pelo rei *Búcar*, investem contra a cidade de Valência (*PMC*, 116:2368-91). Nessa passagem, em especial, podemos observar como as masculinidades leiga e clerical são construídas no *PMC* seguindo os mesmos fundamentos: coragem, honra, defesa da cristandade, etc.

Ao contrário do que se pode pensar, clérigos e cavaleiros, pelo menos no *PMC*, eram muito mais próximos em seus cotidianos do que parece.

Ressaltamos, assim, que a honra e a coragem são substantivos de extrema importância na construção das masculinidades, pois são os fatores que são cabais na diferenciação entre as diversas masculinidades, seja de leigos ou eclesiásticos. Pois, a nosso ver, a única diferença expressiva entre os personagens *El Cid* e *Don Jheronimo* não se fixa na sexualidade,²⁰ como poderia se esperar em uma análise calcada nos estudos relacionais de gênero, mas, sim, na atividade religiosa do segundo, já que o clérigo, como nos mostra a análise do texto, não só exercia como podia exercer a mesma atividade que *El Cid*: guerrear. Contudo, o cavaleiro não tinha o mesmo privilégio que os religiosos, como rezar a missa e realizar sacramentos.

O contrário de *Don Jheronimo* é o abade de Cardeña, *Don Sancho*, cuja participação no poema se restringe à responsabilidade de cuidar da integridade de *Dona Jimena*, *Dona Elvira* e *Dona Sol*, esposa e filhas do cavaleiro burgalês, que assim que foi desterrado por *Afonso VI*, as enviou para o Monastério de San Pedro de Cardeña, prática corrente no medievo quando os homens partiam para guerras muito longas ou mesmo o desterro, como no caso do *Cid*.

Pelo que consta na história *cidiana*, *Dona Jimena*, após a morte do esposo, “governou” durante um pequeno período o território valenciano,²¹ até que as investidas muçulmanas se tornaram mais constantes e a região teve que ser evacuada com auxílio de tropas lideradas por *Afonso VI*. Este é um dado que aponta que a atuação feminina na Península não se restringia apenas à pedidos aos santos por proteção a seus esposos nos combates, como evidente, no *PMC*,

²⁰ *El Cid*, apesar de leigo e casado, tem uma relação assexuada com sua esposa. Em nenhum momento do poema Per Abbat descreve relações afetuosas que poderiam ser atribuídas a um casal. Na verdade, a relação *El Cid* e *Jimena* se mantém no âmbito da amizade, quase um amor cortês, sem apelo carnal.

²¹ Aproximadamente dois anos. Cf. (TERESA LEÓN, 2004).

no qual *Jimena* e suas filhas são descritas como indefesas e sempre rezando pelo bem do protagonista.²²

Don Sancho é o religioso que atua na proteção das mulheres presentes na vida de *El Cid* e seus momentos no poema mostram a estreita relação entre o cavaleiro e o monastério de San Pedro de Cardeña (*PMC*, 15:242-47).

Este personagem é representado como muito íntimo do protagonista e sua esposa, atuando, também, nas funções eclesiásticas recorrentes: “El abbat don Sancho christiano del Criador/ **rezava los matines** abuelta de los albores” (*PMC*, 14:237-38).²³

Prova da diferença da construção de sua masculinidade para as dos demais personagens e, principalmente, no que se refere à de seu par na categoria religiosos, *Don Jheronimo*, é seu contato maior com a escassa presença feminina no *PMC*. Quando retratado rezando as matinas, ele não está sozinho; ao seu lado está *Dona Jimena* intercedendo por seu esposo: “¡i estava doña Ximena con çinco dueñas de pro/ rogando a San Pero e al Criador:/ ‘¡Tu que a todos guias val a mio Çid el Campeador!’” (*PMC*, 14:239-41). Como veremos mais a seguir, além da presença feminina, como antes dito, ser escassa, quando a voz é dada às mulheres, as mesmas são representadas como frágeis, indefesas e sempre rogando a Deus em orações. Para nós, esse posicionamento misógino de Per Abbat frente às mulheres não corresponde a nenhuma forma de desvio ou “imaginação” literária para o período, talvez, a “transgressão” mais visível, se dê à história de *Dona Jimena* – e, ainda outras mulheres no Medievo – que, como demonstramos, governou as possessões de seu esposo por um certo tempo após sua morte, o que desmistifica a imagem de mulher frágil e dependente do marido.

Há de se destacar que, ao que parece, o autor do *PMC* atribui à figura do monge *Don Sancho*, sobretudo por ele ser um clérigo regular, ou seja, um monge, a responsabilidade que a igreja assumia socialmente de “cuidar” das mulheres ante as diversidades da Península. Outro fato por nós observado na fonte, ainda no contexto da relação que *El Cid* mantinha com o mosteiro, diz respeito ao econômico. Como consta no documento, o “cuidar” das mulheres temporariamente, enquanto seus esposos estavam ausentes, era uma atividade lucrativa para os

²² A postura do autor do *Poema de Mio Cid*, não se desvia muito das muitas representações femininas em textos medievais, pelo menos àqueles produzidos para ou por membros da Igreja. Quando elas não são representadas como o receptáculo do pecado, têm suas imagens ligadas à oração e à submissão masculina. Cf. (BLOCH, 1995).

²³ Grifos nosso.

monastérios, já que os maridos (ou pais) doavam altas quantias aos monges para manter confortavelmente suas esposas e filhas (PMC, 15).

Ao deixar *Dona Jimena* e as meninas aos cuidados de *Don Sancho*, afirmou *El Cid*, segundo o poema: “Non quiero fazer en el monesterio un dinero de dano;/ evades aqui pora doña Ximena dovos .c. marchos, a ella e a sus fijas e a sus dueñas sirvades las est año” (PMC, 15:252-54). No entanto, toda “generosidade” tem seu preço. O mesmo generoso *El Cid* que chega a prometer a *Don Sancho* caso o mosteiro tivesse que, de suas próprias despensas, abastecer sua esposa e filhas, caso algo faltasse: “por un marcho que despendales al monesterio dare yo quatro” (PMC, 15:260), alerta ao abade sobre o “contrato de honra que os dois estão firmando: “Dues fijas dexo niñas e predent las en los braços,/ aquellas **vos acomiendo a vos**, abbat don Sancho;/ dellas e de mi murgier **fagades todo recabdo**” (PMC, 15:255-57).²⁴

Como podemos concluir, analisando a descrição dos personagens em questão, temos, nesse primeiro momento, a construção de duas masculinidades calcadas por relações de gênero.

A primeira, através da comparação entre *El Cid* e *Don Jheronimo*, demonstra que o fator que os diferencia em suas masculinidades não é a presença do direito de se casar e manter relações sexuais com mulheres, como no caso de *El Cid*, mas sim, o fato do clérigo mata-mouros exercer atividades sacramentais exclusivas como rezar a missa, a despeito de seu *ethos* guerreiro idêntico ao do *Cid*.

O segundo tipo de masculinidade diz respeito à comparação de *Don Jheronimo* e *Don Sancho*, estes dois pertencentes a mesma categoria, sendo diferenciados no fato do primeiro ser um clérigo secular e o segundo regular.

Suas caracterizações masculinas se diferenciam também via suas relações com o feminino: o abade *Don Sancho* assume a responsabilidade de cuidar da esposa e filhas do *Cid*. Ele ainda é representado como um religioso ligado a um mosteiro, atuando nas práticas comuns à época como, por exemplo, rezar as horas, hospedar e proteger mulheres.²⁵ Sendo assim, observa-se que os dois clérigos se diferenciam em suas masculinidades através da presença bélica em suas construções.

²⁴ Grifos nossos.

²⁵ Entretanto, há de se ressaltar que a prática de hospedar mulheres não era bem vista pela Igreja Medieval. Ver: (SILVA, 2008).

Passaremos agora a analisar, o que, à primeira vista, parecem ser masculinidades desviantes se comparadas ao que Per Abbat descreveu através da representação da masculinidade do protagonista *El Cid*.

As masculinidades desviantes no *Poema de Mio Cid: Os infantes de Carrión* e seu bando

Os *infantes de Carrión* são inseridos no poema a partir do verso 1835, quase na metade final do *Cantar II*. O poeta os associa ao conde *Don García Ordóñez*, inimigo direto de *El Cid* e, que, supõe-se, foi quem artificiou o desterro do protagonista (SMITH, 2001). O clérigo poeta ainda ressalta que os *infantes de Carrión* eram de uma família nobre do reino de Castela.

Devido à fama crescente de *El Cid* e sua ascensão vitoriosa frente aos mouros, *Afonso VI*, para reatar as relações com seu vassalo desterrado, propõe, não sem interesse dos *infantes*, o casamento de dona *Elvira e Sol* com *Diego e Fernando*. A mensagem do monarca é levada pelos cavaleiros de *El Cid*, *Albar Fañez* e *Pero Vermuez* que haviam sido mandados pelo *Campaeador* para presentear *Afonso VI* com os despojos da vitória contra o rei marroquino *Yucéf*. A notícia é recebida com alegria, mas não sem receio, pelo protagonista da obra, que, ao que parece, sabia da relação dos *infantes* com seu inimigo, o já citado, *García Ordóñez*. A presença dos *infantes de Carrión* se torna mais constante a partir do *Cantar III*, núcleo narrativo que agora passamos a analisar,

Este *cantar* se inicia com o autor descrevendo *El Cid* descansando em Valência com seus vassalos e seus genros, quando então seu leão se solta, provocando pânico na corte. Todos ficaram com grande medo, enquanto *El Cid* continuava dormindo tranqüilamente, contudo, o temor que os vassalos sentem não é suficiente para afastá-los da obrigação de proteger seu senhor e ficam em volta de seu *escaño*²⁶ (PMC, 112:2285). Mas os *infantes de Carrión*, *Diego* e *Fernando González* são retratados tentando escapar da situação que os coloca em perigo.

Segundo o poema, *Fernando* procura alguma saída, mas não encontra portas abertas, nem lugar alto para se proteger e acaba se abrigando, tomado de pavor, debaixo do *escaño* do *Cid*. Quanto ao seu irmão *Diego*, sua descrição é mais detalhada por Per Abbat: “Diego Gonzalez por la puerta salio/ Diciendo de la boca: ‘¡Non vere Carrion!’/ Tras una viga largar metios con grant pavor,/ el manto y el brial todo suzio lo saco” (PMC, 112:2288-91).

²⁶ Tipo de trono.

Como podemos observar, *Diego*, tomado pelo medo, não consegue se controlar e acaba “sujando” toda sua túnica e seu manto.

Enquanto os *infantes* são descritos pelo poeta como covardes, *El Cid*, mais uma vez, é retratado inversamente, tanto que rapidamente doma o leão e o põe novamente na jaula. Quando o protagonista, enfim, encontra seus genros, eles estão pálidos de medo. O poeta encerra o relato dizendo que os *infantes* se sentiram envergonhados por tal incidente: “Muchos tovieron por enbaidos los infantes de Carrion” (*PMC*, 112:2309).

Após esse acontecimento, segundo a trama narrativa do poema, o rei mouro *Búcar* monta cerco contra Valência com todas as forças de Marrocos, segundo Per Abbat, cerca de cinqüenta mil tendas. *El Cid* e seus cavaleiros são descritos como felizes por verem tão grande quantidade de inimigos ao redor da sua cidade. A justificativa está nos espólios de guerra que eles esperavam conseguir. Já os *infantes de Carrión* entram em desespero e passam a avaliar se seus matrimônios com as filhas do *Cid* fora bom negócio, pois agora teriam que entrar em um combate contra suas vontades, dando quase como certa suas mortes, temiam não ver mais sua cidade natal.

Há uma lacuna no poema por conta da falta de uma folha, que, segundo Colin Smith (2001), deveria conter uns cinqüenta versos que, provavelmente, tratam de um diálogo entre *Fernando* e *El Cid* sobre a batalha. O verso de número 2238 se encerra com *Fernando González* agradecendo *Pero Vermuez* por tê-lo ajudado no combate e salvo sua honra.²⁷ A batalha segue e por fim *El Cid* mata *Búcar* e ganha deste a espada Tizon, que, segundo o poema, valia mil marcos de ouro.

Com o fim do combate as conquistas financeiras são muitas e *El Cid* divide os espólios com seus cavaleiros e fala aos seus genros:

‘¿Venides, mios yernos? ¡Mios fijos sodes amos!/ Se que de lidiar bien sodes pagados;/ a Carrion de vos iran buenos mandados/ commo al rey Bucar avemos arrancado./ ¡Commo yo fio por Dios y en todos los santos/ desta arrancada nos iremos pagados!’/ (...)/ Dixo Mio Çid: ‘Yo desto so pagado;/ quando agora son Buenos adelant seran preçiados.’/ Por bien lo dixo el Çid mas ellos lo tovieron a mal (*PMC*, 119:2443-48 e 2461-64).

²⁷ Alguns pesquisadores, como Menéndez Pidal, costumam enxertá-la com passagens correspondentes às Crônicas escritas por Afonso X. Pela continuidade temática deste núcleo narrativo do *PMC*, esta folha perdida, que, como ressaltado, trata do diálogo entre Fernando González com *El Cid* pedindo a este último o direito aos primeiros golpes em campo. No entanto, conforme podemos observar na parte final do *Cantar III*, quando *Afonso VI* convoca uma Corte em Toledo para tratar da restituição da honra do *Cid*, *Pero Vermuez* acusa Fernando de ter fugido ao enfrentar um dos paladinos mouros e ele, para salvar a honra de todo o séquito do *Cid*, inclusive a do próprio infante, mata o mouro e dá a rédea do cavalo do inimigo a Fernando, para que esse finja que matou o mouro em combate (*PMC*, 135:3306-3328).

Segundo o poeta, os *infantes* interpretam tais palavras do *Cid* como um insulto e a partir disso passam a tramar uma forma para se vingarem dele e aumentarem suas posses. A saída encontrada para vingarem-se do incidente com o leão foi maltratando as filhas do *Cid*. Para isso, pediram permissão ao sogro para partirem com suas esposas e as riquezas dadas por ele para as terras de Carrión. Ele lhes deu sua permissão, não sem antes presenteá-los com suas espadas, Colada e Tizon. A impressão que nos é passada pelo poeta é que *El Cid* está muito feliz com o matrimônio de suas filhas com os *infantes de Carrión*, pois, como dito anteriormente, eram de uma linhagem nobre de Castela. Este fato está em conformidade com a organização social castelhana dos séculos XI, XII e XIII, pois o protagonista do poema era membro da nobreza comumente chamada de *infanzones*. Sendo assim, um casamento com membros da alta nobreza era uma boa articulação política, tanto que no poema, como observado, foi o próprio *Afonso VI* que arranjou o matrimônio das filhas do seu vassalo.²⁸ Segundo Adeline Rucquoi, a nobreza ibérica, de uma forma geral,

reagrupava os poderosos ou *magnates*, os *ricos hombres*, exercendo um cargo público – uma *honor* –, e os nobres em geral ou *infanzones*, possuía domínios sobre os quais exercia direitos senhoriais e para quem trabalhavam os dependentes. No entanto, grande parte dos seus recursos provinha da coroa, isto nos séculos XII e XIII (RUCQUOI, 1995, 218).

Após saírem de Valência com suas esposas, acompanhados por uma quantidade expressiva de pessoas,²⁹ os *infantes* montaram acampamento em Molina, área de posse do mouro *Alvengalvon*, que os recebeu em nome da amizade com o *Campeador* (*PMC*, 126:2649-58). *Diego* e *Fernando* acabam tramando o assassinato do mouro para ficarem com suas riquezas, mas o plano acaba interceptado e eles só não foram mortos em consideração ao *Cid*.³⁰

Quando *Fernando* e *Diego* entraram no bosque de Corpes, montaram tendas e deram ordens para que os que lhes acompanhavam seguissem em frente, pois queriam ficar a sós com suas mulheres. É quando, então, colocam em prática o plano que restituiria a honra perdida em

²⁸ Há de se assinalar, ainda, que o casamento também foi proveitoso para os *infantes*, já que *El Cid* estava ascendendo financeiramente através de suas conquistas no exílio.

²⁹ Inclusive o sobrinho do *Cid*, *Felez Muñoz*, que recebe ordem de ir até o mouro *Alvengalvon* para dar-lhe instruções para receber bem os genros, suas filhas e todas as gentes *cidianas*.

³⁰ Essa passagem é interessante se olhada da ótica das trocas culturais realizadas na Península. Os *infantes* tramam o assassinato de *Alvengalvon* bem próximo a um soldado seu, julgando que ele não compreendia sua língua. Contudo, o mouro entendeu tudo que era tramado por *Diego* e *Fernando* e alertou seu senhor. Segundo o poema: “Quando esta falsedad dizien los de Carrion/ um moro latinado bien gelo entendio” (*PMC*, 126:2666:67). Quanto a atuação de *Alvengalvon* no poema nos aprofundaremos mais a seguir.

Valência, o que, diretamente, se relaciona com suas masculinidades, e em contrapartida, afrontaria *El Cid*, a desonra de suas esposas *Elvira e Sol*:

‘Bien lo creades don Elvira e doña Sol:/ aqui seredes escarnidas en estos fieros montes;/ oy nos partiremos e dexadas seredes de nos,/ non abredes part en tierras de Carrion./ Hiran aquestos mandados al Çid Campeador;/ ¡nos vengaremos aquesta por la del leon!’ (PMC, 128:2714-19).

A violência física e os insultos contra elas são variados. O poeta relata que em determinado momento, por estarem cansados de golpeá-las, os *infantes* passam a disputar quem dá o melhor golpe. Por fim, elas perdem a consciência e eles as dão por mortas e seguem viagem para Carrión deixando-as em Corpes: “De nuestros casamientos agora somos vengados;/ non las deviemos tomar por **varraganas**³¹ si non fuessemos rogados,/ pues nuestras parejas non eran pora braços./ ¡La desondra del leon assis ira vengando!” (PMC, 130:27758-62).

A comparação entre *El Cid* e os *infantes de Carrión* nos ajuda, além de identificar diversos graus de masculinidades, a entender, em parte, as relações entre homens e mulheres na sociedade castelhana do século XIII. A pesquisadora Maria Lacarra, em seu artigo (1988) *La Mujer Ejemplar en Tres Textos Epicos Castellanos*, segue uma proposta parecida com a nossa, mesmo não tendo um enfoque historiográfico. Seu artigo analisa as representações femininas em textos literários castelhanos, dentre eles o *PMC*. Ela articula a forma como a funcionalidade da mulher é representada nos textos à sua atuação sociocultural na Idade Média Ibérica: a de gerar e dar continuidade às dinastias e principalmente servir como “moeda de troca” para estabelecer/ firmar relações entre as coroas ibéricas através do matrimônio.

No caso do *Cid* e os *infantes de Carrión*, suas atitudes acabam se justificando frente à sociedade em que viviam. Se, por um lado, para *El Cid*, o matrimônio de suas filhas era mais uma possibilidade de ascensão social e, por tal matrimônio ter sido proposto pelo rei *Afonso VI*, uma forma de atar os laços de amizade entre o monarca e seu vassalo, para os *infantes* era, também, uma forma de agradar a vontade monárquica e as de seus próprios interesses, já que o dote das filhas do cavaleiro burgalês era economicamente vantajoso.

A posição dos *infantes*, envergonhados pelo caso do leão, em se vingarem em suas esposas também estava dentro de um contexto histórico, como demonstra Lacarra: “en la

³¹ Grifo nosso. Podemos observar que o status social da mulher influenciava na forma como os homens às tratavam. No caso dos *infantes de Carrión* e as filhas do *Cid*, é possível perceber que, para eles, elas estavam abaixo à condição de *varraganas* – o mesmo que concubinas.

disposiciones de los Fueros vemos cómo la mujer contribuye al incremento de la honra del marido y a la economía familiar con la aportación de sus bienes y relaciones familiares al matrimonio” (LACARRA, 1988, p. 7).

O que cabe salientar, e o que expressa bem as relações de gênero em tal período, é o fato de que quando *Diego e Fernando* afrontam suas esposas, na verdade, o fazem para desonrar seu sogro, que, por sua vez, na perspectiva dos genros, os envergonhou em vários momentos enquanto estiveram com ele em Valência. As filhas do *Cid* tem toda uma importância dentro da relação de restituição da honra dos *infantes*. Pois é somente através delas que esse elemento fundamental da masculinidade pode ser reconquistado.

Mesmo se tratando de coadjuvantes no poema e tratadas como objeto por seus esposos, as mulheres, *Dona Elvira e Dona Sol*, tem funções marcantes na construção da masculinidade dos *infantes de Carrión*, além de possibilitarem a demonstração, por parte da narrativa do clérigo poeta, que tal masculinidade não estava em concordância com as demais presentes no poema, principalmente à do protagonista *El Cid*.

Desta forma, no que concerne à sua construção nesta passagem do documento, observamos que por uma lógica de elaboração textual, os *infantes* são sempre um contraponto ao *Cid*, que é o protagonista da obra. No entanto, ressaltamos que com uma análise comparativa mais profunda, é possível observar que tal construção tem suas nuances: Per Abbat, ao descrever seus personagens, sempre dá ênfase ao quesito honra, elemento este que permeia não só o *Cantar III*, mas todo o poema. Contudo, mesmo após a afronta às filhas do *Cid* em Corpes e, de certa forma, tendo sua honra restituída frente aos padrões de relações homens/ mulheres na sociedade em que viviam, pois ao maltratar *Dona Elvira e Dona Sol*, eles, na verdade, queriam atingir *El Cid*, os *infantes* representam uma masculinidade destoante, se comparadas a de *El Cid*. Pois são covardes, gananciosos, sem palavra, honra, etc.

Mesmo as atitudes de *Diego e Fernando González* sendo justificadas através dos *Fueros* (LACARRA, 1988) e estando dentro das conformidades sociais do período do clérigo poeta, eles são vistos como tendo masculinidades fora do padrão apresentado pelo texto, já que na construção da masculinidade ideal, representada através do *Cid*, não é, por exemplo, a violência contra as mulheres que afirma ou reafirma a masculinidade, mas, sim, elementos como fidelidade, coragem, integridade, etc.

Ao que parece, o autor, em sua narrativa, tenta representar o que seria um homem nobre e ideal para a sociedade. Apesar de sua atuação como leigo ou religioso e, independentemente, de sua estirpe social, esse homem, na visão de Per Abbat, deveria carregar certos elementos que, no caso, não estavam presentes nos *infantes*, apesar de serem condes. Vê-se também que a relação entre os homens segue um certo tipo de conduta honrosa que perpassa por toda uma sociedade, *grosso modo*, organizada religiosamente e militarmente (RUCQUOI, 1995, p. 216).³²

Podemos observar, ainda, que a participação moura nessa parte da narrativa é fundamental na construção das masculinidades presentes no referido núcleo do poema. Pois são eles que servem como instrumentos de afirmação nas mãos do autor para as masculinidades cunhadas por ele como aceitáveis. Há de se levar em consideração que suas atuações são imprescindíveis para a compreensão do que era para aquela sociedade, na ótica de Per Abbat, uma masculinidade mais próxima do que ele entendia como ideal. Vejamos, por exemplo, o caso do mouro *Alvengalvon*, que tem um papel de destaque no *PMC*.

Diferentemente dos outros personagens muçulmanos do poema, *Búcar*, *Yuçef* e *Tamin* e seus generais *Ffariz* e *Galve*, que são inimigos dos cristãos e travam combates sangrentos contra *El Cid* e seus cavaleiros e, sendo assim, são utilizados na trama para engrandecer os atributos militares e honrosos dos personagens ou, como no caso dos *infantes*, demonstrar que eram homens desviantes, *Alvengalvon* é aliado do protagonista (*PMC*, 126:2635-40) e a ele presta serviços.³³

A funcionalidade deste personagem na narrativa demonstra quão distante estavam os *infantes de Carrión* do que era uma masculinidade ideal para Per Abbat no *PMC*.

Como dito anteriormente, a diferenciação dada pelo clérigo poeta a este personagem mouro não nos parece mero acaso poético, mas sim, uma maneira de definir, bem especificamente, como *Diego* e *Fernando* estão distantes de uma representação ideal de masculinidade, como a do protagonista *El Cid*, por exemplo.

Alvengalvon, assim que é informado por seu servo que os *infantes de Carrión* tramavam sua morte para se apoderarem de suas riquezas, mesmo o mouro tendo os tratado bem em nome do “amor” que tinha por *El Cid*, cavalga junto a mais duzentos soldados e dá uma das mais curiosas lições de moral presentes no poema. Aqui vale ressaltar porque a julgamos “curiosa”: o

³² Ver por exemplo a relação entre *El Cid* e o abade *Don Sancho*.

³³ Tais relações amistosas não são desviantes se olhadas à luz das relações de poder entre cristãos e muçulmanos na Península Ibérica durante a Idade Média.

clérigo poeta, a nosso ver, poderia ter utilizado um outro personagem cristão para admoestar os *infantes*, no entanto, ele dá voz ao “outro”, um “infiel”, ou seja, *Alvengalvon*. Isso para nós, só enfatiza a lacuna que Per Abbat quer ressaltar entre a masculinidade ideal e a não ideal. Ou seja, defendemos que o fato de *Alvengalvon* ser o instrumento de repreensão de *Diego e Fernando*, não significa qualquer tipo de sensibilidade em prol dos mouros por parte do clérigo poeta – eles continuam claramente sendo os “outros” na sua visão. O que o autor promove, na verdade, é uma demonstração, para nós, clara, de que os *infantes de Carrión* são tudo aquilo que um homem não poderia ser, pois, como veremos no documento, Per Abbat os coloca num nível abaixo daqueles que para a sociedade castelhana correspondiam aos “rivais”, os “invasores”, ou seja, os mouros. Não é um cristão que repreende os *infantes*, mas sim, um mouro, que a despeito da amizade com *El Cid*, continua sendo um “infiel”.

A narrativa construída pelo autor nesse núcleo do poema, contém algumas singularidades que, acreditamos, merecem destaque, não só por nos ceder elementos para análise dessa masculinidade desviante, como, ainda, pelo discurso como um todo:

El moro Alvengalvon mucho era buen barragan./ con dozientos que tiene iva cavalgar./ Armas iva teniendo, paros ante los infantes;/ de lo que el moro dixo a los infantes non plaze:/ ‘Dezid me: ¿que vos fiz infantes de Carrion?/ ¡Hyo sirviendo vos sin art e vos conssejastes pora mi muert!/ Si no lo dexas por mio Çid el de Bivar/ tal cosa vos faria que por el mundo sonas/ e luego levaria sus fijas al Campeador leal;/ ¡vos nunca en Carrion entrariedes jamas!/ Aquim parto de vos commo de **malos** e de **traidores**./ Hire con vuestra graçia don Elvira e doña Sol;/ ¡poco preçio las nuevas de los de Carrion!/ Dios lo quiera e lo mande, que de tod el mundo es señor,/ d’aqueste casamiento que[s] grade el Campeador.’/ Esto les ha dicho y el moro se torno; teniendo ivan armas al troçir de Salon,/ cuemmo de buen seso a Molina se torno. (PMC, 127:2671-80 e 128:2681-88).³⁴

Como é possível observar, a presença dos adjetivos “malos” e “traidores” na fala atribuída ao mouro demonstra a representação construída por Per Abbat para os *infantes de Carrión*, sem ignorarmos, ainda, que, segundo o clérigo poeta, *Alvengalvon* agiu de bom senso. O mouro também é retratado entristecido por *El Cid*, pois, na sua concepção, o casamento das filhas do cavaleiro com *Diego e Fernando* não está à altura do amigo castelhano.

Inferimos, assim, que Per Abbat ao dar voz a um “infiel” denota ao público castelhano do século XIII os exemplos que não deveriam ser seguidos pelos homens daquela sociedade. Acreditamos, então, que haja no documento um intuito de idealizar uma masculinidade a ser

³⁴ Grifos nossos.

seguida pelos homens castelhanos, clérigos ou leigos, do século XIII. Dessa maneira, passamos a analisar no próximo item de que forma esse “ideal de masculinidade” foi representado para esses homens no respectivo período.

El Cid e a Afronta de Corpes: Um ideal de masculinidade para os homens castelhanos do século XIII

Como pode ser visto no item anterior, identificamos tipos diferentes de masculinidades, tanto leigas como religiosas. Em nossa análise do *PMC*, pudemos, ainda, verificar que a honra, a coragem, a fidelidade, etc, são elementos imprescindíveis para uma efetiva masculinidade, dita, boa ou ideal, de tal maneira que tais elementos encontram-se associados às demais atitudes tomadas pelos homens presentes no poema. Como foi o caso, por exemplo, da *Afronta de Corpes*, no qual os *infantes de Carrión*, ao ultrajarem suas esposas, por sua vez, filhas do *Cid*, perseguiram a restituição de suas honras e, conseqüentemente, de suas masculinidades, o que, também, em contra partida, para eles, atingiria a honra do *Cid*, ou seja, sua masculinidade. No entanto, para Per Abbat, *Diego e Fernando González* continuaram à margem de uma masculinidade ideal.

Outro assunto abordado foi a presença feminina, que, como pudemos verificar, tem funções quase que “decorativas” no poema, servindo muitas vezes de moeda de troca nas relações homens/ homens ou para demonstrar como eram frágeis, enquanto os homens eram fortes (corajosos) e honrados.

Neste último item da nossa análise, discutiremos se o discurso de Per Abbat, reproduzido através dos seus personagens, tem algum efeito modelador de um tipo ideal de masculinidade a ser seguido pelos homens castelhanos do século XIII. Para isso, utilizaremos, mais uma vez, o último núcleo narrativo do *PMC*, analisando, mais especificamente, as Cortes de Toledo, montadas por *Afonso VI* a pedido de *El Cid* no intuito de restituir sua honra, que foi ferida na ocasião que os *infantes de Carrión* ultrajaram suas filhas em *Corpes*.

Ao analisarmos a atuação dos personagens *Álvar Fáñez*, *Martín Antolínez*, *Pero Bermúdez* e *Muño Gustioz* nas Cortes de Toledo, convocando para duelos os *infantes de Carrión* (*Diego e Fernando González*), e os dois membros do seu bando: *Gómez Peláyez* e *Asur González*, demonstraremos como estão presentes no *PMC*, diversos graus de masculinidades e, ainda, uma masculinidade ideal, que se encontrava numa posição mais elevada na construção discursiva do autor do poema.

A notícia da afronta se espalhou pelo reino e chegou até *Afonso VI*, que, segundo, o *PMC*, sentiu-se entristecido com o fato. Já *El Cid*, após ficar sabendo o que havia acontecido com suas filhas e sua conseqüente desonra, louva a Deus pelo ocorrido:

¡Grado a Christus que del mundo es señor/ quando tal ondra me an dada los infantes de Carrion!/ ¡Par aquesta barba que nadi non messo/ non la logran los infantes de Carrion,/ que a mis fijas bien las casare yo! (*PMC*, 131:2830-34).

El Cid foi retratado mais preocupado com um bom casamento futuro para suas filhas do que propriamente com a agressão de *Diego* e *Fernando Gonzáles* no carvalhal de Corpes. Isso nos faz supor que, na visão do protagonista, a rejeição dos *infantes* prejudicaria futuras articulações matrimônias e, acima de tudo, seu nome ficaria sujo ante a sociedade.

A trama continua e *El Cid* envia os cavaleiros *Álvar Fáñez*, *Martín Antolínez* e *Pero Bermúdez* para buscar suas filhas em San Estevan de Gormaz, onde aguardavam junto com *Félez Muñoz*, que lhes havia resgatado abandonadas e quase mortas em Corpes.

Ao chegar à cidade, *Álvar Fáñez* agradece em nome de seu senhor aos homens de San Estevan por terem cuidado das filhas do *Campeador*. Ao se encontrarem, as filhas do *Cid* e *Álvar Fáñez* choram incessantemente e *Pero Bermúdez* ressalta: “Don Elvira e doña Sol: cuidado non ayades/ quando vos sodes sanas e bivas e sin outro mal./ Buen casamiento perdistes, mejor podredes ganar./ ¡Aun veamos el dia que vos podamos vengar!” (*PMC*, 132:2865-68). Esta é a primeira manifestação de vingança contra os *infantes*. Mas uma vez, é possível observar que a grande preocupação dos cavaleiros não se encontra na condição de violentadas das damas, porém, na condição de rejeitadas pelos maridos. Conforme a fala de *Pero Bermúdez*, elas não deveriam se preocupar mais, pois estavam vivas e sãs, e se haviam perdido um bom casamento, no sentido de ingresso na nobreza, outro melhor poderiam conseguir.

Regressando à Valência, as damas encontram-se com seu pai e abraçam-se, *El Cid* comenta o “insucesso” que havia sido o casamento e se exime da culpa, já que o mesmo foi uma ordem de *Afonso VI*, porém, mais uma vez, *Elvira* e *Sol* são tranqüilizadas, frente a afirmativa de que ainda teriam um bom casamento. O protagonista, então, perpetua o desejo de vingança: “¡(...) de mis yernos de Carrion Dios me faga vengar!” (*PMC*, 132:2894).

São dados assim os primeiro passos para a restituição da honra de *El Cid*. O cavaleiro *Muño Gustioz* é enviado para comunicar oficialmente ao rei *Afonso VI* a desonra do *Campeador*. O protagonista envia seu vassalo com alguns conselhos que doravante passamos a transcrever por

sua pertinência para análise sobre a importância da honra para construção de uma masculinidade dita ideal:

Lieves el mandado a Castiella al rey Alfonso;/ por mi besa le la mano d'alma e de coraçõn/ - cuemo yo so su vassallo y el mio señor -/ desta **desondra** que me an fecha los infantes de Carrion/ **quel pese al buen rey** d'alma e de coraçõn./ **El caso** mis fijas, ca non gelas di yo;/ quando las han dexadas a grant desonor/ si desondra i cabe alguna contra nos/ **la poca la grant toda es de mio señor.**/ Mios averes se me an levado que sobejanos son./ esso me puede pesar con la otra desonor./ Aduga melos a vistas o a juntas o a cortes/ commo aya derecho de infantes de Carrion,/ ca tan grant es la rencura dentro en mi coraçõn (PMC, 133:2903-16).³⁵

Ou seja, segundo *El Cid*, o fato de *Afonso VI* ter feito as negociações para o casamento de suas filhas fazia dele também um desonrado pelos *infantes de Carrión*, talvez, até mais que o próprio protagonista. Os bens que eles levaram como dote era mais um fator a ser associado ao direito que o cavaleiro tinha de reaver sua honra moral e financeira. Cabe ressaltar que sua mensagem é um tanto “reticente” quanto à honra de suas filhas,³⁶ pois ele afirma, conforme passagem por nós transcrita acima, “agora que estão desonradas, se é que nisto cabe desonra contra nós, pouca ou muita toda é do meu senhor”.³⁷

Muño Gustioz, quando encontrou o monarca castelhano em San Fagunt, seguiu à risca o ordenado por seu senhor e ressaltou a responsabilidade do rei no casamento e conseqüente desonra do *Campeador*, de suas filhas e a sua própria: “Tienes por desondrado, mas la vuestra es mayor” (PMC, 133:2950).³⁸ Vale destacar que mesmo a todo o momento *El Cid* se eximindo da culpa e a transferindo para *Afonso VI*, em nenhuma passagem o monarca é descrito por Per Abbat de maneira nociva. O rei castelhano é sempre citado como “al buen rey”; “de largos reinos”; “rey ondrado”, etc, tendo assim sua masculinidade em conformidade com aquela construída pelo clérigo poeta, tendo como base *El Cid*.

Afonso VI aceitou as prerrogativas do *Cid* e convocou as cortes em Toledo. Mandou chamar condes e *infanzones* e estabeleceu um prazo de sete semanas para que todos comparecessem alertando, ainda, que os que não fossem ao seu encontro que não se dessem mais por seus vassalos e que se retirassem de seu reino.

³⁵ Grifos nossos.

³⁶ Primeiro momento, aliás, que a palavra “desonra” é associada às damas na voz de um personagem masculino.

³⁷ Realizamos uma tradução aproximada.

³⁸ Nessa mesma passagem, alguns versos anteriores, *Muño Gustioz* resalta a desonra das filhas do *Cid*, utilizando a palavra diretamente referida a elas.

A partir de então, o clérigo poeta passa, mais uma vez, a descrever *Diego e Fernando González* como covardes, tentando se esquivar das cortes convocadas pelo rei. Segundo o autor, o grande temor dos *infantes* era a presença de *El Cid* em Toledo. Eles tentam, em vão, que *Afonso VI* os isente das cortes ou então que o cavaleiro burgalês não as assista, entretanto, o monarca responde: “(...) ¡No lo fere, sin salve Dios! Ca i verna mio Cid el Campeador,/ dar le [e]des derecho ca rencura ha de vos” (PMC, 135:2990:91).

Diego e Fernando González passam a buscar aliados e mandam cartas aos seus parentes. Um dos que saíram ao seu socorro foi o conde *García Ordóñez* que, segundo Per Abbat, era “enemigo de mio Cid que mal siemprel busco” (PMC, 135:2998). O clérigo poeta ainda relata que todos os nobres de Castela se dirigiram a Toledo para as cortes. *Álvar Fáñez*, considerado pelo *Cid* seu melhor braço, foi mandado na frente para que anunciasse ao rei castelhano a chegada do cavaleiro à noite.

El Cid, então, acompanhado por seus cavaleiros, foi o último a chegar às cortes, no quinto dia para o término do prazo estipulado por *Afonso VI*. Com ele estavam o bispo *Don Jheronimo*, o clérigo mata-mouros; *Martín Antolínez*; *Pero Bermúdez*; *Muño Gustioz*, entre outros de sua mesnada. *Afonso VI* cavalgou ao encontro do *Campeador* e o recebeu com honras, contudo, *El Cid* não entrou em Toledo com o rei, passou a noite em vigília em San Servan orando, num altar que ele mandou iluminar, segundo o poeta, com “sabor a de velar en essa santidad” (PMC, 136:3055).

Na manhã seguinte, após participar da missa, *El Cid* se preparou para entrar em Toledo para iniciar a restituição de seus bens e sua honra. O poeta é extremamente detalhista ao descrever a vestimenta do cavaleiro, seu cuidado com a barba comprida e presa por cordões, suas armas polidas e brilhantes, assim como suas “lorigas tan blancas commo el sol” (PMC, 137:3074).

Todos os aliados do protagonista que estavam presentes nas cortes o honraram de tal maneira que *Afonso VI* ofereceu seu próprio *escãno* para assento do cavaleiro que, segundo ele: “¡(...) mejor sode que nos!” (PMC, 137:3116). Entretanto, o vassalo recusou afirmando que essa honra só convinha ao seu rei e senhor. Iniciaram-se, então, os discursos na Corte.

O primeiro a falar foi *Afonso VI*, afirmando que, até então, só havia convocado duas cortes, uma em Burgos e outra em Carrión, e que aquela em Toledo havia sido convocada por amor ao *Cid*. O monarca nomeou como juízes os condes *Don Anrrich* e *Don Remond*, sob a

justificativa de que eles não pertenciam a nenhum dos grupos ali presentes, fosse do *Cid* ou dos *infantes*.

Após jurar por São Isidoro que se alguém fizesse alguma celeuma durante as cortes seria banido do reino, *Afonso VI* deu a palavra a *El Cid* que discursou:

Mucho vos lo gradesco commo a rey e a señor/ por quanto esta cort fiziestes por mi amor./ Esto lês demando a infantes de Carrion:/ **por mis fijas quem dexaron yo non he desonor./ ca vos las casastes, rey, sabredes que fer oy;/** mas quando sacaron mis fijas de Valençia la mayor/ diles espadas a Colada e a Tizon/ - estas yo las gane a guisa de varon -/ ques ondrassen con ellas e sirviessen a vos./ Quando dexaron mis fijas en el robredo de Corpes/ comigo non quisieron aver nada e perdieron mim amor;/ ¿den me mis espadas quando mios yernos non son! (PMC, 137:3146-58).³⁹

Como podemos verificar, para *El Cid* a desonra da afronta dos *infantes de Carrión* às suas filhas recaiu toda sobre o rei, já que foi ele quem “casou” suas filhas com *Diego* e *Fernando*. A afronta maior ao cavaleiro, porém, foi o fato dos seus genros terem levado suas espadas que, segundo ele, foram conquistadas em lutas honradas, “como um homem”.

Os *infantes* concordaram em devolvê-las e os juízes deram a causa ganha para *El Cid*, entretanto, os do bando dos *González*, representados por *Don García*, inimigo do cavaleiro burgalês, prepararam uma resposta na tentativa de encerrar as cortes. Os *infantes de Carrión*, então, devolveram as espadas ao rei que as passou para as mãos do *Cid*.

Per Abbat então relata que o *Campeador* presenteou seu sobrinho *Pero Bermúdez* com *Tizon* e *Martín Antolínez* com *Colada*. Mas as restituições não se encerraram, para desespero dos *infantes*.

Após receber de volta suas espadas que, segundo o protagonista, foram ganhas como um verdadeiro homem, *El Cid* pede de volta a quantia em dinheiro que havia dado aos seus genros, segundo o poema, três mil marcos em ouro e prata, dinheiro que os *infantes* não possuíam mais. Desses três mil marcos, duzentos haviam sido dados ao rei *Afonso VI* por serem *Diego* e *Fernando Gonzáles* seus afilhados, contudo, o rei, devido à “falência” dos *infantes*, devolveu-lhes a quantia.

Eles acabaram ficando em má situação, pois os juízes sentenciaram que a restituição financeira do *Cid* se desse então por espécie. Não tendo outra escolha, os *infantes de Carrión*

³⁹ Grifos nossos.

entregaram ao *Campeador* mulas e cavalos e, ainda, foram obrigados a pegar dinheiro emprestado para completarem a quantia que deviam ao ex-sogro.

Devolvidas as espadas e restituída a sua honra moral e financeira, o protagonista parte para seu último direito na Corte, àquele que restabelecerá plenamente sua honra masculina. O cavaleiro roga ao rei *Afonso VI* o direito de desafiar em duelo os *infantes de Carrión*.

Essa parte final do documento encerra, toda e qualquer dúvida que, para nós, possa existir acerca de, primeiro, masculinidades diversas e, segundo, uma masculinidade dita ideal, baseada em *El Cid*.

A narrativa continua e *El Cid*, então, inicia um discurso no qual interrogou os *infantes* por qual motivo eles agiram como traidores. *Don García*, então, se pôs de pé, e pediu ao rei que encerrasse a contenda, afirmando que o cavaleiro já havia restituído o que tinha direito e, ainda, afirmou que:

Vezos mio Çid a llas cortes pregonadas;/ dexola creçer e luenga trae la barba,/ los unos lê han miedo e los otros espanta./ Los de Carrion son de natura tal/ non gelas devien querer sus fijas por varraganas/ ¡o quien gelas diera por parejas o por veladas!/ Derecho fizieron por que las han dexadas./ ¡Quando el dize non gelo preçiamos nada! (PMC, 140:3272-79).

O protagonista rebate as ofensas de seu inimigo e exalta sua própria masculinidade afirmando, sobre sua barba, que:

Ca de quando naço a delicio fue criada,/ ca non me priso a ella fijo de mugier nada,/ nimbla messo fijo de moro nin de christiana/ ¡commo yo a vos, conde, en el castiello de Cabra!/ Quando pris a Cabra e a vos por la barba/ non i ovo rapaz que non messo su pulgada;/ ¡la que yo messe aun non es eguada! (PMC, 140:3284-90).

Fernando González também se pôs de pé e tentou acabar com a discussão, não sem ainda confirmar o discurso de *García*, de que ele e seu irmão fizeram bem ao abandonar as filhas do *Cid*. Porque, segundo o *infante*, por serem eles filhos de condes, deveriam se casar com filhas de reis e imperadores e não filhas de *infanzones*.

O *Campeador* então instigou seu sobrinho, *Pero Bermúdez*, que ele chama de “Pedro, o mudo” a responder as afrontas de *Fernando González*, afirmando que se fosse ele que respondesse, *Pero Bermúdez* não pegaria em armas, desta forma, pode-se inferir que o cavaleiro induziu, de certa forma, que seu sobrinho provasse sua masculinidade através do combate.

Pero Bermúdez iniciou então seu discurso relembando todos os momentos vergonhosos dos irmãos *González*:

¿Miembrat quando lidiamos çerca de Valençia la grand?/ Pedist las feridas primeras al Campeador leal./ vist un moro, fustel ensayar./ antes fuxiste que a'l te alegasses./ Si yo non uvias el moro te jugara mal;/ passe por ti, con el moro me off ajuntar./ de los primeros golpes of le de arrancar./ Did el cavallo, toveldo en poridad, fasta este dia no lo descubri a nadi;/ delant mio Çid e delante todos oviste te de alabar/ que mataras el moro e que fizieras barnax;/ crovieron telo todos, mas non saben la verdad./ ¡Y eres feroso, mas mal varragan! (PMC, 143:3316-27)

O cavaleiro continuou com sua fala rememorando o acontecimento do leão e como *Fernando* havia se escondido no *escaño* do *Cid*. Repetiu várias vezes que eles eram traidores. Sobre a violência contra suas primas, ressaltou: ¡Por quanto las dexastes menos valedes vos!/ Ellas son mugieres e vos sodes varones;/ en todas guisas mas valen que vos” (PMC, 144:3346-48). Ou seja, é possível perceber que, se antes, o clérigo poeta havia os alocado abaixo dos mouros, agora, no discurso de *Pero Bermúdez*, os *infantes de Carrión* são transpostos à condição de “piores que as mulheres”, já que as filhas do *Cid* “valem mais que eles”.

Diego González tentou defender o irmão afirmando novamente que, na verdade, honrados eram eles por terem deixado *Dona Elvira e Dona Sol*. *Martín Antolínez* entrou na contenda e lembrou, também, o caso do leão e quando *Diego*, tomado de pavor, sujou toda sua túnica.

A cada verso os ânimos mais se temperavam e o irmão mais velho dos *infantes*, *Asur González*, entrou no conflito e foi repreendido pelo cavaleiro *Muño Gustioz*.

Afonso VI encerrou as discussões, pois entraram nas Cortes dois cavaleiros, *Ojarra* e *Yeñego Simenez* (ou *Ximenez*), trazendo mensagens dos reis de Navarra e Aragão, afirmando que os infantes destes dois reinos pediram a mão das filhas do *Cid* em casamento. O que foi prontamente aceito pelo protagonista e pelo monarca. Todos na Corte se alegraram, menos os *infantes de Carrión*.

Em meio a todo o ocorrido, levantou-se *Álvar Fáñez* e pediu a palavra, agradeceu a Deus pelo novo casamento das filhas do *Cid* e retomou, mais uma vez, os insultos contra os *infantes*, afirmando que eram maus e traidores, desafiando-lhes, também, para duelo dizendo que: “¡hyo so Albar Fañez pora tod el mejor!” (PMC, 149:3456). *Gómez Peláyez*, membro do bando dos *Carrión*, interpolou *Álvar Fáñez* retrucando que naquelas Cortes havia tantos outros, tão melhores quanto ele. *Álvar Fáñez*, então o desafiou, entretanto, o rei *Afonso VI* não permitiu mais

nenhum combate, dando como encerrada a etapa de desafios, estabelecendo o número de três duelos para restituir por completo a honra do *Cid*.

Afonso VI estabeleceu os seguintes pares para os duelos: *Pero Bermúdez* contra *Fernando González*; *Martín Antolínez* contra *Diego González* e, por fim, *Muño Gustioz* contra *Asur González*.

A narrativa segue e os vencedores foram os cavaleiros do *Cid*, exaltando, mais uma vez, a coragem e a honra como elementos cruciais dos cavaleiros ligados ao protagonista do poema e fazendo, dessa forma, que suas masculinidades se aproximassem da ideal.

A descrição de todos os duelos é repleta de detalhes, contudo, nos furtaremos a apenas transcrever as passagens que demonstram a covardia dos adversários dos cavaleiros *cidianos*.

O primeiro combate foi entre *Pero Bermúdez* e *Fernando González*, segundo o clérigo poeta, *Fernando*, após ter perdido a espada e a lança e ter caído com o cavalo sobre si, ao ver *Pero Bermúdez* erguendo a espada para feri-lo de morte, reconheceu que era Tizona, gritou antes de receber o golpe: “(...)¡Vençudo so!” (*PMC*, 150:3644). Os juízes deram por terminado o combate dando a vitória a *Pero Bermúdez*.

O segundo duelo, apresenta características mais desviantes na masculinidade do outro infante, *Diego González*. Ao lutar com *Martín Antolínez*, ele é várias vezes ferido, tendo seu elmo quebrado, sua lança partida, etc. Quando caiu no campo de combate, percebeu que *Martín Antolínez* o havia ferido com a espada Colada e, segundo o poeta, “vio Diego González que no escaparie con el alma” (*PMC*, 151:3658). Per Abbat continua a narrativa: “Dia González espada tiene en mano mas no la ensayava;/ esora al ifante **tan grandes vozes dava:/** ¡Valme, Dios glorioso, señor, e curiam deste espada!” (*PMC*, 151:3665).⁴⁰ Ele então puxou seu cavalo pelas rédeas e saiu dos marcos que sinalizavam o campo. *Afonso VI* deu, assim, o combate por encerrado e a vitória a *Martín Antolínez*.

Por fim, o enfrentamento entre *Muño Gustioz* e *Asur González* encerra as descrições sobre combates no poema. Per Abbat descreve o primogênito dos *González* como forte e de valor, entretanto, assim como seus irmãos, ele é vencido no duelo, sendo gravemente ferido. *Muño Gustioz* só não o matou, pois, seu pai, *Gonzalo Ansúrez*, gritou pedindo pela vida do filho: “(...)¡Nol firgades, por Dios!/ !Vençudo es el campo quando esto se acabo!” (*PMC*, 152:3690-91).

⁴⁰ Grifos nossos.

Afonso VI terminou os duelos e os cavaleiros de *El Cid* retornaram à Valência com suas honras intactas e, ainda, tendo vingado seu senhor e suas filhas.

O poema se encerra com *El Cid* exaltando o casamento de *Elvira* e *Sol* com os reis de Navarra e de Aragão e afirmando que suas filhas foram vingadas. Per Abbat, então, termina o texto, afirmando que a honra do *Campeador* se estendeu por ter se tornado parente de reis de *Hispania* e dando o dia da morte do herói: “Passado es deste sieglo el dia de çinquaesma:/ ¡de Christus haya perdon!/ !Assi fagamos nos todos, justos e peccadores!” (*PMC*, 152:3726-28).

Conclusão

Concluimos, dessa forma, que o *PMC* apresenta não uma, mas diversas masculinidades. Não só no que diz respeito a diferenciação, praticamente, mínima, entre clérigos e leigos, como, também, na diferença entre as masculinidades de uma mesma categoria.⁴¹

No primeiro caso, podemos inferir que *Don Jheronimo* é retratado da mesma maneira que o protagonista da obra e seus cavaleiros. Suas masculinidades são cunhadas não na sexualidade, na presença ou não do casamento e da castidade, mas na forma como suas atividades são exercidas, com honra, coragem, fidelidade, bondade, etc. Tais elementos, aliás, são de extrema importância para o desenrolar a construção das masculinidades no *PMC*.

A relação entre leigos e leigos é marcada pela presença ou ausência desses elementos e como pudemos observar no desenvolver deste estudo. Os *infantes de Carrión* são o exemplo de masculinidades desviantes no poema. Neles há completa ausência de tais elementos, necessários para uma masculinidade ideal, como a do *Cid*.

Quando lançamos nosso olhar a categoria clérigos, podemos concluir que *Don Jheronimo* e *Don Sancho* possuem similitudes e diferenças que, no entanto, não são díspares, pois, para Per Abbat, os dois exercem funções primordiais para aquela sociedade, como a dedicação à pregação, a proteção das mulheres, a oração, o combate contra os infiéis, etc. No mais, temos dois exemplos de clérigos, um secular e outro regular. Todos os dois foram representados distantes das prerrogativas canônicas que, alguns anos depois, estabelecidas pelo IV Concílio de Latrão, para o que era ou não permitido aos religiosos.

⁴¹ No caso a comparação entre leigos e leigos e religiosos e religiosos.

No que diz respeito à presença feminina, foi possível constatar que as mesmas não têm voz para o clérigo poeta. São representadas no *PMC* como frágeis, extremamente religiosas e também como moeda de troca nas relações entre os homens. Quando narrada a separação entre *El Cid*, sua esposa e suas filhas, as mesmas, com suas atitudes, reforçam tais afirmativas.

Quando violentadas pelos *infantes*, *Dona Elvira* e *Dona Sol* rogam para terem as cabeças cortadas, assim seriam consideradas mártires,⁴² o que ressalta sua religiosidade.

A presença moura e judia é, praticamente, nula, sendo que os primeiros tem uma função cabal na construção das masculinidades, pois é contra eles que é provada a coragem e destreza militar dos cavaleiros do poema.

Por fim, nossa afirmativa de que Per Abbat tem o intuito de representar um ideal de masculinidade é válida quando olhada as nuances presentes na documentação analisada. *El Cid* é isento de defeitos, é um cristão que luta contra os mouros. Mesmo desterrado, continua fiel ao seu senhor, é representado como um bom pai e esposo, que se vê sempre preocupado com um bom matrimônio para suas filhas.

Enfim, para nós, Per Abbat, como clérigo e poeta castelhano, tenta, via sua obra, dar à sociedade de seu tempo uma masculinidade ser seguida, com valores e padrões, para ele, essenciais à nobreza daquela época: honra, coragem, lealdade, bondade, integridade, fidelidade à palavra dada, preocupação em defender a cristandade contra os mouros, etc.

Referências Bibliográficas

Referências

- ALVAR, Carlos; ALVAR, Manuel. *Épica Medieval Española*. Madrid: Cátedra, 1991.
- ALVARO, Bruno Gonçalves. *A Construção das Masculinidades em Castela no Século XIII: Um Estudo Comparativo do Poema de Mio Cid e da Vida de Santo Domingo de Silos*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ; IFCS; PPGHC, 2008.
- ANÔNIMO. *Poema de Mio Cid*. Edición de Colin Smith. 22 ed. Madrid: Catedra, 2001.
- BERNARDO DE CLARAVAL. De la Excelencia de la Nueva Milicia. In:_____. *Obras Completas de San Bernardo*. Edición Española preparada por el P. Gergorio Diez Ramos, O.S.B. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1955. 2 v. V. 2. p. 853-880.

⁴² “!Por Dios vos rogamos don Diego e don Ferando! Dos espadas tenedes fuertes e tajadores/ - al una dizen Colada e al otra Tizon -/ ¡cortandos las cabeças, martires seremos nos!”. *PMC*, 128:2725-28.

- BLOCH, R. Howard. *Misoginia Medieval e a Invenção do Amor Romântico Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- CARR, Edward Hallet. *Que é História?* 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- CHARTIER, Roger. *História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 2002.
- DEYERMOND, Alan David. A Monument for Per Abad: Colin Smith on The Making of The Poema de Mio Cid. *Bulletin of Hispanic Studies*, n. 52, p. 120-126, 1985.
- DOZY, Reinhardt. Le Cid d'Après de Nouveaux Documents. In: _____. *Recherches sur l'Histoire et la Littérature de l'Espagne Pendant le Moyen Âge*. 2 ed. Leyde: E. J. Brill, 1860. 2 v. V. 2. p. 1-6.
- FLETCHER, Richard. *Em Busca de El Cid*. São Paulo: Unesp, 2002.
- FOREVILLE, Raimunda. (Ed.). *LATARENSE IV*. Vitória: Editorial ESET, 1972. História de los Concilios Ecumenicos (6/2).
- GARCÍA Y GARCÍA, Antonio. *Historia del Concilio IV Lateranense de 1215*. Salamanca: Centro de Estudios Orientales y Ecuménicos Juan XXIII, 2005.
- GUTIÉRREZ AJA, María del Carmen; RIAÑO RODRÍGUEZ, Timoteo. *El Cantar de Mío Cid. 2: Fecha y Autor del Cantar de Mío Cid*. Alicante: Biblioteca Miguel de Cervantes, 2006.
- LACARRA, María Eugenia. La Mujer Ejemplar en Tres Textos Epicos Castelhanos. *Cuadernos de Investigación Filológica*, v. XIV, p. 5-20, 1988.
- _____. *El Poema de Mio Cid: Realidad Histórica e Ideología*. Madrid: Porrúa, 1980.
- MARTÍNEZ RICO, Eduardo. El Cid: El Heróe Literario A Través de los Siglos. *Dicienda: Cuadernos de Filología Hispánica*, v. 24, p. 237-245, 2006.
- MENÉNDEZ PIDAL, Ramón. *La España del Cid*. 4 ed. Madrid: Espasa-Calpe, 1947. 2 v.
- _____. *Cantar de Mio Cid: Texto, Gramática y Vocabulario*. Madrid: Espasa-Calpe, 1946. 3 v.
- MONTANER FRUTOS, Alberto. Mythopoeia and Myopia: Colin Smith's The Making of The Poema de Mio Cid. *Journal of Hispanic Philology*, n. 8, p. 7-16, 1983.
- PEÑA PÉREZ, Francisco Javier. Los Monjes de San Pedro de Cardeña y el Mito del Cid. In: IGLESIA DUARTE, José Ignacio de la; MATÍN RODRÍGUEZ, José Luis (Coord.). Memoria, Mito y Realidad en la Historia Medieval. Semana de Estudios Medievales, 13, 29 de julio al 2 de agosto de 2002. *Actas...* Nájera: Instituto de Estudios Riojanos, 2003. p. 331-344.
- RATCLIFFE, Marjorie. Diego, Hijo del Cid, y la Fecha de Composición del Cantar de Mio Cid. *Dicienda: Cuadernos de Filología Hispánica*, v.9, p. 163-170, 1990.

REILLY, Bernard F. *The Kingdom of Leon-Castilla under King Alfonso VI, 1065-1109*. Princeton: Princeton University Press, 1988.

RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Estampa, 1995.

SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e Leigos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru/ São Paulo: Edusc/ Imprensa Oficial do Estado, 2002. 2 v. V. 1. p. 237-251.

SCHPUN, Mônica Raisal (Org.). *Masculinidades*. São Paulo/ Santa Cruz do Sul, RS: Boitempo/ Edunisc, 2004. p. 107-128.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Os Concílios Lateranenses e a Vida Religiosa Feminina: Reflexões Sobre as Normativas Papais Direcionadas às Monjas nos Séculos XII e XIII. In: XIII Encontro de História Anpuh - Rio, 2008, Seropédica. *Anais Eletrônicos*. Seropédica: UFRRJ, 2008. v. 1. p. 1-9. Disponível em:<http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212952596_ARQUIVO_Anpuhregional_2008_AndreiaCLFrazaodaSilva_FINAL.pdf>.

_____. A Moralização do Clero Castelhana no Século XIII. *Veritas*, v. 40, n. 159, p. 559-576, 1995.

SMITH, Colin. *The Making of The Poema de Mio Cid*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

TERESA LEÓN, María. *Doña Jimena Díaz de Vivar: Gran Señora de Todos los Deberes*. Madrid: Editorial Castalia, 2004.

TOLSON, Andrew. *Os Limites da Masculinidade*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1983.

UBIETO ARTETA, Antonio. Otro Dato Sobre la Cronología del Cantar de Mio Cid. *En la España Medieval*, n. 3, p. 673-679, 1982.